



PESTE SUÍNA CLÁSSICA – REVISÃO DE LITERATURA

OLIVEIRA, Dierle Tubina de¹; HENRICHSEN, Fernando¹; PINZON, Pâmela Wollmeister¹;
CURIN, Lucimara¹; SPEROTTO, Vitor da Rocha²

Palavras-Chave: Peste Suína Clássica. Vírus. Infectocontagiosa.

Introdução

A peste suína clássica (PSC) é uma doença de origem viral (pestivírus), altamente contagiosa que se caracteriza: na forma aguda, subaguda, crônica ou clínica inaparente. Na forma aguda, distingue-se por apresentar um quadro hemorrágico e elevada morbidade e mortalidade (BARCELLOS; SOBESTIANSKY; GIROTTO, 1992).

A infecção ocorre pela via oro-nasal, sendo as tonsilas o primeiro sítio de replicação do vírus, que em seguida penetra na corrente circulatória alcançando linfonodos, baço, rins, porção distal do fêto e cérebro (BERSANO; VILLALOBOS; BATLOUNI, 2001).

O vírus é eliminado com as secreções e excreções do animal doente ou portador sadio, sendo estas as principais fontes de infecção. Entretanto, pode ser veiculado entre os animais e propriedades próximas pelas moscas, piolhos, vermes, aves, vestuários de funcionários ou visitantes, utensílios diversos, equipamentos cirúrgicos, veículos para o transporte de animais, rações, carne e seus subprodutos. Virulência moderada ou baixa pode induzir a infecções crônicas, nas quais o vírus é disseminado contínuo ou intermitente até a morte dos animais (SOBESTIANSKY *et al.*, 1993).

Assim, o objetivo deste trabalho é reunir informações sobre a peste suína clássica, abrangendo todos os seus aspectos através de revisão de literatura.

Revisão de Literatura

O vírus da PSC é um RNA, vírus de pequeno tamanho, e pertence ao gênero *Pestivirus* da família *Togaviridae*. É um corpúsculo esférico constituído de uma porção central (nucleóide) e de um envoltório externo (cápside). É pouco resistente ao calor, aos 56°C é inativado em 60 minutos e a 60°C em 10 minutos (BEER, 1988).

Sobrevive em instalações por mais de 15 dias, nas fezes e urina - se exposto ao sol - por até 24 horas. Sensível a desinfetantes comuns como: hidróxido de sódio 2% e solventes de gorduras. Em carcaça de animais mortos o vírus permanece vivo por poucos dias. Nas

¹ Acadêmicos do curso de Medicina Veterinária da Universidade de Cruz Alta, UNICRUZ-RS. Email: dierlet.o@hotmail.com fernando_tuzzin@hotmail.com jovem-pa@hotmail.com lucimaranutry@hotmail.com

² Professor, responsável pelo Laboratório de Microbiologia da Universidade de Cruz Alta, UNICRUZ-RS. Email: vitorsperotto@gmail.com



carcaças refrigeradas pode persistir por mais de um mês, naquelas carcaças congeladas por mais de quatro anos (SOBESTIANSKY *et al*, 1999).

Tem distribuição mundial, mas alguns países são livres da doença, neste sentido pode-se citar a Austrália, o Canadá, a Irlanda e a Suíça, entre outros. No Brasil, a peste suína clássica é conhecida desde 1896, a partir de então, vem ocorrendo na forma de surtos epizooticos. Causa grandes prejuízos à economia brasileira, por este motivo implantou-se o Programa Nacional de Controle e Erradicação da Peste Suína Clássica (SOBERTIANSKY; BARCELLOS, 2007).

A infecção ocorre por via oral, pelo contato direto, inicialmente o vírus se instala nas tonsilas, onde se multiplica e se distribui aos linfócitos regionais, atingindo por via hematogena ou linfática, linfócitos T e B e outras células da linhagem macrofágica. Após, ocorre a infecção das células epiteliais de diversos órgãos. A PSC causa severa leucopenia, o que leva a um estado de imunodepressão do animal. Pode haver trombose generalizada e danos ao epitélio vascular (SOBERTIANSKY; BARCELLOS, 2007).

A morte apresenta-se como consequência de insuficiência circulatória generalizada, insuficiência cardíaca, lesões inflamatórias do SNC ou processos inflamatórios bacterianos secundários, nos aparelhos digestivo e respiratório (BEER, 1988).

Na forma aguda os animais apresentam sinais de febre (41°C), anorexia, letargia, hiperemia multifocal, lesões hemorrágicas na pele, conjuntivite, cianose da pele, constipação intestinal, seguida de diarreia, vômito, ataxia, paresia e convulsão. Os animais doentes se isolam ou se agrupam (ficam amontoados). A morte deles acontece entre 5 a 14 dias depois do início da doença. Na forma crônica da doença, apresentam prostração, apetite irregular, febre, diarreia, recuperação aparente, debilidade dos membros posteriores e morte. Na forma congênita, ocorre tremor congênito e debilidade, retardo no crescimento e morte. Na forma suave, as fêmeas apresentam febre, inapetência, morte, com reabsorção fetal ou fetos mumificados, natimortalidade, nascimento de leitões congenitamente infectados e aborto. Este, pouco frequente (BRASIL, 1992).

Lesões histopatológicas confirmam que vasos sanguíneos mostram-se alterados, com apresentação de lesões regressivas nos pré-capilares e nas veias pós-capilares sob a forma de degeneração fibrinóide das camadas da parede vascular. No SNC observam-se lesões inflamatórias, tratando-se de meningoencefalite não purulenta linfocitária difusa (BEER, 1988).

Nas alterações macroscópicas observam-se congestão, infarto e hemorragias em diversos graus (petéquias e equimoses) em quase todos os órgãos e tecidos. Apresenta



esplenomegalia, congestão ou petéquias e sufusões na epiglote, principalmente, nos casos crônicos, presença de amigdalite necrótica purulenta. As placas de peyer mostram inflamação e os vasos mesentéricos diferentes graus de congestão. Próximo a junção íleo-cecal, podem ser vistas pequenas úlceras, essas lesões são geralmente resultado de infecção secundária com *Salmonella* sp (SOBERTIANSKY *et al*, 1999).

O exame de sangue, se realizado na forma aguda da enfermidade, revela marcada leucopenia e trombocitopenia, verificáveis praticamente durante todo o período de incubação da enfermidade (SOBERTIANSKY; BARCELLOS, 2007).

O diagnóstico é realizado através dos exames epidemiológicos, clínicos, lesões macroscópicas e histopatológicas, juntamente com os resultados da análise virológica e sorológica. Em casos especialmente difíceis também podem ser utilizado, com fins diagnósticos, as inoculações experimentais (BEER, 1988).

Diagnóstico diferencial: Peste suína africana, Infecção por vírus da diarreia bovina, Salmonelose, Erisipelose, Pasteurelose aguda, Estreptococose, Leptospirose e Intoxicação por cumarina (BRASIL, 1992).

A profilaxia e o controle são realizados através da atenção especial na compra de animais, sendo essencial que a origem e o estado sanitário dos reprodutores ou leitões introduzidos no plantel sejam conhecidos. Em relação à origem e composição dos alimentos, cabem cuidados semelhantes. Deve-se ainda manter um rígido controle sobre entrada de pessoas, veículos e animais. Em áreas onde a doença é enzoótica, a forma mais segura de prevenção da PSC é a vacinação. Até o presente, não existem vacinas inativadas eficazes contra PSC, todas as vacinas disponíveis mundialmente são vacinas vivas atenuadas. Que trazem consigo problemas na identificação de animais vacinados ou não. No Brasil, em 15 de maio de 1998, foi proibida a vacinação em todo o território nacional (SOBERTIANSKY; BARCELLOS, 2007).

Conclusão

A Peste Suína Clássica também conhecida popularmente como febre suína ou cólera dos porcos, é uma enfermidade viral contagiosa e, muitas vezes, fatal aos suínos. Portanto, é uma doença que pode levar o produtor a ter grandes prejuízos econômicos, destaca-se a situação epidemiológica da doença no Brasil, onde esta está em fase de erradicação, não havendo mais necessidade de vacinação, tornando extremamente importante o controle e profilaxia dentro da unidade produtora, principalmente em relação à aquisição e introdução de novos animais no plantel, entradas de veículos e pessoas nas dependências próprias, bem



como, utilizar técnicas de biossegurança para que tenhamos sucesso na erradicação da Peste Suína Clássica no Brasil.

Referências bibliográficas

BARCELLOS, D. SOBESTIANKY, J. GIROTTO, A. F. **Peste suína clássica: custo de um surto.** CT/ 190/ EMBRAPA-CNPQA, Julho/ 1992. 3p.

BEER, J. **Doenças Infecciosas em animais domésticos.** [tradução Gabriella Vera Maria Catena]. São Paulo-SP: Roca, 1988.

BERSANO, J. G, VILLALOBOS E. M. C., BATLOUNI, S. R. **Pesquisa do vírus da peste suína clássica em suínos sadios abatidos em matadouros no estado de São Paulo.** SP: Laboratório de doenças de suínos “Washington Sugay”, Centro de sanidade animal, Instituto Biológico, 2001. Disponível em: http://www.biologico.sp.gov.br/docs/arq/V68_1/2.pdf. Acesso: 08/06/2012.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. Secretaria de Defesa Agropecuária. **Plano de Contingência para Peste Suína Clássica.** DF: Departamento de defesa animal, coordenação de programas sanitários, Programa Nacional de Sanidade Suídea, 1992.

SOBESTIANSKY, J. BARCELLOS, D. MORES, N. OLIVEIRA, S. J. CARVALHO, L. F. OLIVEIRA, S. **Clínica e Patologia Suína.** Goiânia, p. 341-349, 1993.

SOBERTIANSKY, J. BARCELLOS, D. MORES, N. OLIVEIRA, S. J. CARVALHO, L. F. **Clínica e Patologia Suína.** 2ª ed. Goiânia-GO, p.341-349, 1999.

SOBESTIANSKY, J.; BARCELLOS, D. **Doenças dos suínos.** Goiânia: Cênone editorial, p 299-309, 2007.